

NOELLE LOPES AMORIM

**Mulheres que atuam no Sistema Único de Assistência Social:  
saúde mental e trabalho**

SÃO JOÃO DEL-REI

PPGPSI-UFSJ

2023

NOELLE LOPES AMORIM

**Mulheres que atuam no Sistema Único de Assistência Social:  
saúde mental e trabalho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Instituições, Saúde e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Dalla Vecchia

SÃO JOÃO DEL-REI

PPGPSI

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A524m Amorim, Noelle.  
Mulheres que atuam no Sistema Único de Assistência Social : saúde mental e trabalho / Noelle Amorim ; orientador Marcelo Dalla Vecchia. -- São João del Rei, 2023.  
73 p.

Dissertação (Mestrado - Psicologia) --  
Universidade Federal de São João del-Rei, 2023.

1. Sistema Único de Assistência Social. 2. Mulher.  
3. Saúde mental do trabalhador . 4. Revisão crítica da literatura . 5. Trabalho de campo. I. Dalla Vecchia, Marcelo, orient. II. Título.



A Dissertação “**Mulheres que atuam no Sistema Único de Assistência Social: saúde mental e trabalho**”

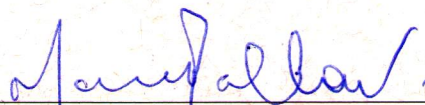
elaborada por **Noelle Lopes Amorim**


e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de


**MESTRA EM PSICOLOGIA**

São João del-Rei, 02 de junho de 2023.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Dalla Vecchia (UFSJ)  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fernando Santana de Paiva (UFJF)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cássia Beatriz Batista e Silva (UFSJ)

## RESUMO

A assistência social é uma política de direito ainda pouco conhecida e reconhecida. Os interesses particularistas são um obstáculo para sua consolidação e execução. As condições e a organização do trabalho no setor são desafios para suas trabalhadoras, que precisam lidar, também, com demandas cotidianas envolvendo traumas, violações, injustiças e barbárie. No entanto, quem tem escutado a trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social [SUAS]? Na presente pesquisa, foram desenvolvidos dois estudos a respeito da saúde mental e do trabalho de mulheres, que atuam em equipes do SUAS. O primeiro estudo objetivou explorar a produção científica sobre a saúde mental da trabalhadora do SUAS por meio de uma revisão crítica da literatura. Foi constatado que as especificidades, o conteúdo e as exigências do trabalho afetam a saúde da trabalhadora assim como as condições precárias de trabalho e de vínculo empregatício. O adoecimento é percebido em alterações no corpo, desde dores físicas até alterações de humor, e diagnósticos, como da síndrome de *burnout*. As estratégias de proteção e enfrentamento, geralmente, são individuais, como conformismo, busca por lazer e medicalização. Foi constatada uma escassez de estudos sobre a temática da saúde da trabalhadora do SUAS. Dada essa escassez, foi desenvolvido um segundo estudo, empírico, cujo objetivo foi ouvir as trabalhadoras sobre suas experiências no SUAS, em municípios do interior de Minas Gerais. Participaram três assistentes sociais e três psicólogas, selecionadas por meio de uma parceria com o Programa de Extensão ABRASUS/ABRASUAS, da Universidade Federal de São João del-Rei [UFSJ], com o recrutamento das participantes complementado pelo método bola de neve e pela rede de contatos da pesquisadora, que foi trabalhadora do setor. Foram realizadas entrevistas narrativas individuais, analisadas por meio da elaboração de núcleos de significação. Os resultados revelam que as mulheres são protagonistas na assistência social, sendo a maioria das profissionais e das usuárias, estas majoritariamente mulheres negras. Assim, quando se abordam a saúde mental e o trabalho no SUAS, torna-se imprescindível considerar questões de raça e gênero na sociedade machista e patriarcal bem como capitalista e neoliberal, que, com seus ideais de individualização e culpabilização da trabalhadora, juntamente com a sobrecarga, conduzem a um enfraquecimento do coletivo e, conseqüentemente, à desmobilização da luta trabalhista. As narrativas apontam, ainda, para a precarização do trabalho na assistência social, a negligência do poder público, da gestão e a luta pela criação de condições para o desenvolvimento da cidadania contra o clientelismo e a dependência assistencial. Os estudos realizados oportunizaram constatar um tipo de sofrimento, que denuncia a urgência de formulação e consolidação de política pública de saúde da trabalhadora da assistência social.

Palavras-chave: Sistema Único de Assistência Social; Mulher; Saúde mental do trabalhador; Revisão crítica da literatura; Núcleos de significação.

## ABSTRACT

Social work policies are a right for Brazilian citizens that is still little known and recognized. Private interests are an obstacle to its deployment and consolidation. The precarious conditions of work and its organization are challenges for the workers, who must also deal with daily demands involving trauma, violations, inequities and barbarism. However, who has been listening to the demands of the workers of Brazilian Unified Social Work Policies System [SUAS]? In the present research, two studies were carried out regarding the mental health and work of women involved in SUAS teams. The first study aimed to critically review the scientific production on the mental health of SUAS workers. It was found that the specificities, content and demands of work affect worker's health, as well as precarious working and employment conditions. Illness is perceived in bodily changes, from physical pain to mood swings, and diagnoses such as the burnout syndrome. Protection and coping strategies are usually individual, such as conformism, the search for leisure and medicalization. There was a shortage of studies on the subject of the health of the SUAS worker. Given this scarcity, a second empirical study was developed, aiming at the listening of workers about their experience at SUAS, in inland cities of Minas Gerais state. Three social workers and three psychologists took part of it, selected through a partnership with an outreach program of UFSJ called ABRASUS/ABRASUAS, with the recruitment of participants complemented by the snowball sampling method and the network of contacts of the researcher, who had previously worked in these policies. Individual narrative interviews were carried out, analyzed through the construction of meaning cores. The results reveal that women have a leading role in social work policies, and black women are the majority both of the workers and the assisted public. Thus, when addressing mental health and work at SUAS, it becomes essential to consider issues of race and gender in a chauvinist, patriarchal and neoliberal society. The weakening of the collective and, consequently, the demobilization of the struggle for better working conditions is a consequence of the individualization, the worker-blaming and the working overload. The narratives also highlight the precariousness of labor in social work policies, the negligence of public management, and the struggle to create conditions for the development of citizenship against a clientelistic dependency of social policies. The studies carried out made it possible to verify a type of suffering that denounces the urgency of formulating and consolidating a public health policy for social work policy workers that properly addresses race and gender issues.

Keywords: Social work policies; Woman; Worker's mental health; Critical literature review; Meaning cores.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>Trajetória da pesquisadora .....</b>	<b>8</b>
<b>Problema de pesquisa .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>Saúde Mental do/a Trabalhador/a do Sistema Único de Assistência Social: Revisão Crítica da Literatura .....</b>	<b>19</b>
<b>Referências .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>Narrativas de mulheres sobre seu trabalho no Sistema Único de Assistência Social .....</b>	<b>25</b>
<b>Referências .....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>39</b>
<b>Apêndice 1: Questionário Sociodemográfico .....</b>	<b>39</b>
<b>Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>40</b>
<b>Apêndice 3: Parecer consubstanciado CEPSJ .....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

### Trajetória da pesquisadora

“Uma vez olhada positivamente, a afetividade nega a neutralidade das reflexões científicas sobre desigualdade social, permitindo que, sem que se perca o rigor teórico-metodológico, mantenha-se viva a capacidade de se indignar diante da pobreza.” (Bader Sawaia, 2001, p. 98)

Lembro-me da pergunta insistente nas primeiras aulas da graduação na Universidade Federal de São João del-Rei [UFSJ] (2010-2015): “Por que você escolheu Psicologia?” Parte da minha resposta foi genérica e, talvez, esperada: “Para ajudar as pessoas”. Mais tarde, ouvi críticas e deboches sobre ela e discordei. A Psicologia, que continuo a aprender como tarefa infundável, tem o compromisso com a emancipação, a autonomia, a transformação e a equidade. Não concebo “ajudar” no sentido de um favor ou caridade, mas de construção conjunta e corresponsabilidade.

Segui na graduação dedicando-me, sobretudo, à saúde pública. Participei de um grupo de estudo, pesquisa e intervenção na área, no qual permaneci por anos e me engajei em vários projetos, desde extensão até iniciação científica. Por meio dele, fui estagiária em um Centro de Atenção Psicossocial [CAPS], onde trabalhei com os usuários em Oficinas Terapêuticas. Nessa experiência, percebi a importância do vínculo e do cuidado. Pelo PET-Saúde, tive oportunidade de acompanhar um deles e sua família em sua casa e rotina. Mais uma vez, constatei que os laços humanos possibilitam a vida e a realização do trabalho profissional.

Simultaneamente a essas atuações, integrei equipes de organização de eventos acadêmicos, podendo ouvir grandes profissionais, suas experiências e seus ensinamentos. Aprendi, também, em reuniões com meus colegas e supervisores. Sempre, identifiquei-me e avaliei como prósperos esses momentos de formação coletiva, que ocorreram, inclusive, em duas outras atividades importantes de registrar: (1) na iniciação científica e (2) em uma capacitação para profissionais da rede de saúde do município.

Apesar de não ter tido contato físico com os sujeitos da iniciação científica, por meio de entrevistas eletrônicas e da análise do material pude constatar a relevância de cada membro, que compõe uma equipe de trabalho, independentemente de seu lugar na hierarquia. Ficaram evidentes que todo saber deve ser valorizado e como as condições de trabalho contribuem para o sucesso e o bem-estar dos/as trabalhadores/as.



Essas afirmações podem ser reforçadas pelos resultados dessa capacitação, da qual tive o privilégio de participar como organizadora, ainda estudante, e cuja metodologia era composta por rodas de conversa para profissionais de distintas áreas da saúde. Foi disponibilizado a eles um espaço para falarem sobre as dores e as alegrias de seu fazer cotidiano, sendo reveladas a urgência e a necessidade disso.

Todas as experiências me propiciaram uma formação ética e de qualidade. Entretanto, para muitas situações, elas não me prepararam. E é somente na vida que isso é descoberto. Em 2017, iniciei minha trajetória como psicóloga em um Centro de Referência de Assistência Social [CRAS], onde permaneci até outubro de 2021 e daí parte uma das inúmeras perguntas que me conduziram ao Mestrado. O que escrevo não é, portanto, isento do meu olhar e dos meus afetos. Foram justamente eles que me levaram a indagar e a buscar respostas na ciência.

Como oportunidade de formação e cuidado, participei, em 2018 e 2019, do Programa de Extensão ABRASUS/ABRASUAS, vinculado ao Departamento de Medicina da UFSJ, para profissionais da saúde e da assistência social. Percebi que, em todos os encontros, independentemente do tema proposto, os colegas (e eu) direcionávamos as discussões para questões relacionadas à nossa saúde mental. Acolhemos e precisamos que nos acolham!

O Mestrado em Psicologia da UFSJ não significou somente produção de conhecimento e progressão em minha carreira profissional, mas oportunidade para dialogar e compreender, trocar saberes e afetos, cuidar e valorizar as trabalhadoras do SUAS. Busquei realizar uma pesquisa com a participação delas para contribuir com a consolidação de políticas públicas do setor.

### **Problema de pesquisa**

A assistência social é um direito previsto desde a Constituição Federal de 1988. Depois dela, somente em 1993, foi promulgada a Lei nº 8.742–Lei Orgânica da Assistência Social [LOAS]–, que dispõe sobre a organização da assistência social. Em 2004, foi aprovada a Política Nacional de Assistência Social [PNAS] e, em 2005, a Norma Operacional Básica da Assistência Social [NOB/SUAS], que, em 2012, foi reformulada trazendo melhorias no que tange à gestão e à oferta de serviços, fortalecendo a participação e o controle social. O ano de 2005 é o marco, também, da criação do Sistema Único de Assistência Social [SUAS].

Os serviços do SUAS estão localizados no território e suas ações são desenvolvidas ali de acordo com a demanda, ofertando projetos, acompanhamentos e benefícios às pessoas e aos contextos, que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social. De acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2014), o sistema abrange dois níveis

de proteção: a proteção social básica [PSB], que busca proteger os direitos e prevenir e fortalecer vínculos familiares, sociais e comunitários; e a proteção social especial [PSE], que pode ser de média e alta complexidades, e acolhe pessoas, que já sofreram alguma violação ou ameaça de seus direitos.

As ações de gestores, trabalhadores e representantes das entidades de assistência social são orientadas pela Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS [NOB-RH/SUAS] (2006). Quanto aos seus direitos, a Norma dispõe sobre as ações de valorização do trabalhador, visando à desprecarização da relação e das condições de trabalho, e acrescenta a representatividade por meio do controle social. Todavia, o que a política determina ainda é distante do cotidiano no trabalho.

O campo de investigação do segundo estudo, que compõe esta pesquisa, foi espaço de trabalho da pesquisadora, e os sujeitos foram mulheres, que compartilham de experiências semelhantes às dela. A pesquisadora é uma “forasteira de dentro”, conforme nomeia Patricia Collins (2016). Por isso, é um desafio estar neste espaço de fronteira, que implica em trazer um olhar externo, científico e acadêmico, mas admitindo que o lugar ocupado como trabalhadora incidirá sobre o estudo. A mesma autora fala da importância de as pesquisadoras valorizarem e incluírem a própria biografia na construção do conhecimento.

Ao se deslocar entre a universidade e a prática, tem-se a oportunidade de identificar e pensar uma e outra a partir do que se vive e aprende em cada uma delas. Isso é reflexividade (Sofia Neves, 2005), por meio da qual a pesquisadora reflete sobre o seu próprio pensamento, sobre quem é, seus valores e ideologias, que irão atravessar seu trabalho, assim como este também terá impactos sobre seu ser. Ao selecionar trabalhadoras da assistência social como participantes, tendo sido uma delas, é preciso analisar a influência disso nos interesses e resultados da pesquisa.

A literatura abrange os desafios do trabalho na política pública de assistência social e sua relação com a saúde do trabalhador. Ana Paula Guimarães, Helian Oliveira e Jandira Silva (2020) resumem as lacunas e defasagens laborais do SUAS como violência “do” trabalho, que aparece nos ambientes insalubres, inadequados e inseguros bem como nos acidentes e adoecimentos; e violência “no” trabalho, que abrange desde a organização do trabalho a relações interpessoais e abusos, como a violência psicológica. Apontam para a centralidade do vínculo entre trabalhador e usuário do SUAS, destacando que as violências que o segundo vive são sentidas também pelo primeiro, porém de forma indireta. Ainda, indicam uma lacuna no conhecimento acerca da compreensão desta violência sofrida pelo trabalhador no setor, que afeta sua saúde mental.

A relação entre trabalho e saúde mental foi relativamente pouco explorada no início da história da Psicologia, o que se justifica, para Maria da Graça Jacques (2005), pela sua busca para se aproximar das ciências naturais e pela predominância da Psicologia Clínica, que não se atentava (ou pouco) para os fenômenos sociais. Izabel Borsoi (2007) complementa o posicionamento da autora ao pontuar que o próprio trabalhador, muitas vezes, não identifica seu sofrimento como psíquico e afasta-se do trabalho por motivos outros antes que um transtorno mental seja constatado e há, também, um desconhecimento de que o trabalho constitui a subjetividade e que pode ser fonte de adoecimento.

Sérgio Lucca (2017) afirma existir uma “dinâmica permanente entre as necessidades objetivas (de subsistência) e subjetivas (de realização, autoestima e reconhecimento) do trabalhador com o seu trabalho.” (p. 153). Trabalhador e trabalho, portanto, estão interligados e o segundo colabora na formação da identidade e da subjetividade do primeiro, sendo fonte de prazer e sofrimento.

Estudos vêm sendo realizados na tentativa de compreender melhor esse fenômeno. Todavia, conforme alerta Maria da Graça Jacques (2003), há ainda um desconhecimento e uma confusão ao combinar conceitos e técnicas sem que seus fundamentos epistemológicos sejam explicitados e consistentes. Tânia Araújo (2011) acrescenta, com base em sua revisão bibliográfica sobre as abordagens teórico-metodológicas da relação entre saúde mental e trabalho, que os estudos não se preocupam em analisar e criticar seus pressupostos e métodos. A autora, ainda, identifica como resultado de sua pesquisa que a abordagem epidemiológica e/ou de caráter diagnóstico é a mais aplicada nas pesquisas no Brasil (35,3% do total dos artigos), seguida pela abordagem da psicodinâmica do trabalho (25,5% do total). Estas e as outras principais abordagens serão descritas a seguir, a fim de explicitar os fundamentos epistemológicos subjacentes às concepções predominantes sobre a saúde mental no trabalho e de evidenciar aquela com base na qual o presente estudo se fundamenta.

A “psicodinâmica do trabalho” tem como seu grande expoente o autor Christophe Dejours e é baseada na psicanálise. Ele utiliza conceitos da ergonomia, como trabalho prescrito e trabalho real, enfatizando aspectos da sua organização, desde ritmo e jornada de trabalho até responsabilidade. Salaria que o sofrimento é uma experiência subjetiva manifesta no trabalho por sentimentos como insatisfação e ansiedade. Tânia Araújo (2011) ressalta um aspecto crítico dessa abordagem, que focaliza essa dor como vivência psíquica e o trabalho somente enquanto um disparador. Desse modo, importa o discurso do sujeito sobre o trabalho, e não a sua realidade, que se torna marginal na compreensão do adoecimento. O autor pontua perdas importantes quando a abordagem passa por adaptações em seu método.

Maria da Graça Jacques (2003) corrobora mostrando que no Brasil, geralmente, não há demanda de intervenção do grupo de trabalhadores; logo, as entrevistas, que deveriam ser coletivas, aqui, são feitas individualmente.

É consensual para as autoras Tânia Araújo (2011), Izabel Borsoi (2007) e Maria da Graça Jacques (2003), que, na “teoria sobre estresse” há uma inespecificidade do termo, podendo designar desde uma irritabilidade até depressão grave. Inspirada pelas ciências naturais, tem a terapia cognitivo-comportamental como referencial para prevenção, diagnóstico e intervenção, utilizando métodos e técnicas fundamentalmente quantitativas. Tânia Araújo (2011) destaca que, devido à necessidade de delimitação, termos como estresse ocupacional e *burnout* foram surgindo, mas com centralidade no indivíduo com pouca consideração para as condições de trabalho.

Na “abordagem epidemiológica e/ou diagnóstica”, o sofrimento psíquico advém das condições de trabalho e de como ele é realizado. Dessa forma, estuda-se o perfil do sofrimento de uma determinada categoria profissional e busca-se identificar aspectos do trabalho, que possam estar vinculados a esses tipos de sofrimento (Izabel Borsoi, 2007). Já nos estudos que se embasam nas ciências sociais para pensar a relação entre saúde mental e trabalho, o olhar transcende as organizações e alcança as relações de poder da sociedade, que podem ter um impacto negativo na saúde física, psíquica e social do trabalhador (Tânia Araújo, 2011).

Por fim, Izabel Borsoi (2007) lembra que o trabalho integra a subjetividade e, por isso, pode gerar sofrimento. Retomamos Sérgio Lucca (2017) para reforçar esse argumento, ao enfatizar ser o trabalho uma categoria, que supre tanto as necessidades objetivas de sobrevivência como subjetivas ligadas à realização pessoal e autoestima. Assim, o trabalho faz parte da constituição da identidade e da saúde física, mental e espiritual das pessoas.

Partimos de uma concepção, que dialoga com o que assinalam Izabel Borsoi (2007) e Sérgio Lucca (2017), afirmando que o trabalho constitui o ser humano e que, se passamos a maior parte da vida trabalhando, as relações de trabalho, suas condições e organização, em um determinado contexto sócio-histórico, passam a ter relevância nos processos de saúde e adoecimento psíquico. Vamos ao encontro da Psicologia Social do Trabalho [PST] (Esteves Coutinho, Márcia Bernardo, & Leny Sato, 2017), que se desenvolve no campo interdisciplinar da saúde do trabalhador, descolando-se da perspectiva teórica e prática da psicologia aplicada nas empresas e nas organizações, bem como dos conceitos da administração científica do trabalho. Interessa-nos, neste horizonte, saber como o trabalhador

vivência o cotidiano do trabalho e o que desenvolve para lidar com ele (quanto ao desgaste que promove) e para dele usufruir (quanto ao fortalecimento que possibilita).

Nesta relação com a realidade concreta de trabalho, muitas vezes, o trabalhador, que atua diretamente com pessoas e ouve constantemente suas histórias, sobretudo de sofrimento, é afetado por elas, como ocorre com os profissionais da política pública de assistência social. No entanto, a literatura indica que ainda existe um caminho a ser percorrido para a formulação de políticas públicas de saúde mental da trabalhadora do SUAS.

Assumimos a saúde mental como uma experiência do sujeito, portanto, ela não se resume a diagnósticos, sintomas e categorizações de manuais, nem equivale ao discurso biomédico de patologização e medicalização que resulta na institucionalização das pessoas que apresentam um sofrimento e são tidas como “anormais”, devendo ser corrigidas e excluídas. Acreditamos em uma saúde mental exercida por meio da atenção psicossocial, logo, mantenedora e fortalecedora de vínculos sociais e comunitários da pessoa que sofre, com participação no cuidado de diversas especialidades e não centrada na figura do médico (Vírnia Alcântara, Camilla Vieira, & Samara Alves, 2022).

Há poucas pesquisas sobre o trabalho na política pública de assistência social, que incluam suas características psicossociais, sobre o conhecimento da gestão a respeito da saúde das trabalhadoras (Ana Paula Guimarães et al., 2020) e que se atentam para o sofrimento psíquico de profissionais, que atendem violações de direitos (Jeane Silva, Pamela Vasconcellos, & Vanessa Figueiredo, 2018). Há, também, uma demanda por mais estudos sobre políticas públicas e assistência social, sobretudo no campo do trabalhador e de sua saúde (Gabriel Kruger, 2016).

Assumindo este adoecimento pela dor do outro, acolhimento e acompanhamento de violações e traumas, as trabalhadoras do SUAS podem apresentar um adoecimento relacionado ao conteúdo traumático do seu trabalho. A literatura descreve quatro condições mentais, que se aproximam desse sofrimento: trauma vicário, fadiga por compaixão, síndrome de *burnout* e estresse pós-traumático.

O termo “trauma vicário” (TV), afirma Katrin Sanjorge (2018), foi cunhado por Pearlman e Saakvine para se referirem a profissionais, que ajudavam pessoas, as quais sobreviveram a eventos traumáticos. Alcina Barros (2018) diz que a primeira descrição do TV foi em psicoterapeutas, que acompanhavam vítimas de violência sexual e depois se expandiu para outros chamados grupos de risco, como juízes, assistentes sociais e advogados. Esta autora construiu um estudo sobre TV em psicólogos e psiquiatras forenses, enquanto

Katrin Sanjorge o discutiu em intérpretes. Já Judith Erazo (2018) analisou o TV em profissionais, que investigam violências.

O TV é um trauma psicológico secundário sofrido por profissionais, oriundo do conteúdo traumático do seu trabalho, que provoca tristeza, depressão, irritação e intolerância, entre outros, afetando, também, seu rendimento, aprendizagem e bem-estar no trabalho (Alcina Barros, 2018). Judith Erazo (2018) acentua que o desenvolvimento desse trauma depende da história pessoal, sobretudo relacionada a violências, dos recursos pessoais e ocupacionais, que ela possui, e da sua capacidade de resiliência. A autora, também, sugere estratégias de cuidado e prevenção, que podem ser adotadas pelas instituições, como supervisões psicossociais periódicas, respaldo em situações de risco e capacitação das equipes. Alerta, inclusive, para a escassa abordagem na formação acadêmica do impacto emocional em profissionais, que trabalham com conteúdos traumáticos.

Quanto à “fadiga por compaixão” em profissionais da saúde, Camila Rodrigues, Jeison Santana e Sheila Pereira (2017) enfatizam que a propensão dessa categoria para desenvolver esse transtorno se dá por lidarem constantemente com a dor e a morte, o que Eduarda Santos e Rebeka Pereira (2019) reiteram dizendo que esse transtorno decorre da exposição secundária ao sofrimento. Pontuam, também, que é um adoecimento laboral com base em qualidades humanas – empatia e compaixão. Elisabete Borges, Carla Isabel Fonseca, Patrícia Baptista, Cristina Maria Queirós, María Baldonado-Mosteiro e Maria Pilar Mosteiro-Diaz (2019) estudando a mesma categoria profissional, enfermeiros, que os autores já citados, elucidam que a fadiga por compaixão é resultante do querer ajudar ou da ajuda ofertada a um outro significativo, que atravessou um evento traumatizante. Esse transtorno tem impacto na saúde física, mental e espiritual do trabalhador como também interfere negativamente na instituição em que atua e nos serviços prestados.

Eduarda Santos e Rebeka Pereira (2019), assim como os outros autores, elegem profissionais de saúde para seu estudo e vão ao encontro de Camila Rodrigues et al. (2017) ao vincularem fadiga por compaixão ao estresse e à síndrome de *burnout*, demonstrando a dificuldade em delimitar e diferenciar esse transtorno do outro. As primeiras autoras, inclusive, situam a fadiga por compaixão, assumindo Figley como referência, como um “composto multidimensional” (Eduarda Santos & Rebeka Pereira, 2019, p. 6) e demarcam a diferença dela, que é a permanente compaixão e cuidado com o outro, o que, a longo prazo, acarreta déficits na capacidade do trabalhador de experimentar alegria ou de se preocupar com alguém.

Diante da confusão entre as nomenclaturas e imprecisão dos contornos dos dois transtornos em questão, Eduarda Santos e Rebeqa Pereira (2019) elaboraram um guia psicoeducativo para os profissionais da saúde, visando a contribuir com a disseminação das informações sobre a fadiga por compaixão, para que seja melhor identificada e tratada. Propõem, também, estratégias de enfrentamento pessoais, profissionais e organizacionais, incluindo a educação permanente em saúde.

No que se refere à síndrome de *burnout*, resgatamos, aqui, a revisão de literatura feita por Hugo Cardoso, Makilim Baptista, Denise Sousa e Edward Goulart Júnior (2017), na qual adotam a teoria mais utilizada no meio científico, cunhada por Maslach e colaboradores, de que “a síndrome de *burnout* pode ser considerada uma resposta crônica aos estressores interpessoais advindos da situação laboral, uma vez que o ambiente de trabalho e sua organização podem ser responsáveis pelo sofrimento e desgaste que acometem os trabalhadores” (p. 122). O *burnout* é constituído pelas dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho.

Fernando Castro e José Carlos Zanelli (2007), também, assumem Maslach como referencial e, ainda, pontuam que a síndrome de *burnout* é comum em trabalhadores, que se relacionam com pessoas, as quais precisam intensa e frequentemente de cuidados e/ou assistência. Os autores enumeram aspectos estressores, que estão nas organizações e se conectam com o desencadeamento dessa síndrome: demanda excessiva e escassez de recursos (material e de formação dentre outros).

A literatura aponta que as categorias profissionais mais estudadas quanto ao fenômeno *burnout* são docentes e profissionais da saúde, com destaque para a enfermagem. O interesse das pesquisas voltou-se para fatores de risco, fatores protetivos e condições de trabalho, que podem favorecer o adoecimento pela síndrome (Hugo Cardoso et al., 2017). Para Fernando Castro e José Carlos Zanelli (2007), há uma lacuna na pesquisa científica, pois faltam estudos longitudinais, que possibilitem o acompanhamento histórico de como se articulam a realidade da vida e os processos psicológicos, que permitam conhecer e compreender como a síndrome de *burnout* se desenvolve. Vale assinalar, também, que a produção científica brasileira sobre *burnout* é predominantemente voltada para profissionais da área da saúde e professores, sendo que poucas se ocupam com a saúde de profissionais da política pública de assistência social (Cláudia Santos, Kariza Pereira, & Mary Carlotto, 2010; Tatiane Dias, 2013).

Finalmente, com relação ao “estresse pós-traumático”, Sidnei Schestatsky, Flávio Shansis, Lúcia Helena Ceitlin, Paulo Abreu e Simone Hauck (2003) fazem um apanhado histórico do conceito desde sua origem na escola francesa até os manuais diagnósticos mais

atuais. Destacam a discussão acerca da causa do transtorno, que já foi considerada unicamente orgânica ou intrapsíquica, aqui com forte influência dos estudos psicanalíticos de Freud, que, posteriormente, reformulou sua teoria considerando o ambiente. Indicam que grandes eventos sociais, como as guerras, influenciam no desenvolvimento de traumas. Para esses autores, o conceito de estresse pós-traumático possibilita avaliar o quanto um acontecimento foi impactante e adoecedor para uma população, mostrando sua relevância nesse período histórico marcado por violências, guerras, migrações forçadas e outras ameaças à vida.

Em sua definição de estresse pós-traumático, Regina Margis (2003) acentua que seu desenvolvimento e apresentação dependem da correlação entre características da pessoa, do ambiente e do evento, que gerou o trauma. Como consequência desse sofrimento, o indivíduo pode ficar revivendo o ocorrido ou, ao contrário, pode evitar situações e pessoas que o lembrem; pode ter insônia, dificuldades para concentrar e hipervigilância. No contexto laboral, constata-se um comprometimento na produtividade e assiduidade.

Luiziana Shaefer, Beatriz Lobo e Christian Kristensen (2012) realizaram um trabalho especificamente sobre o transtorno pós-traumático decorrente de acidente de trabalho e identificaram, em revisão teórica, que ele é comum, por exemplo, após incêndios, amputação de membro, violência física e psicológica, e acidentes industriais. Trabalhadores podem desenvolvê-lo ao vivenciarem diretamente o acidente ou se forem dele testemunhas; ou seja, de modo secundário. Segundo os autores, no Brasil, há um baixo número de diagnóstico desse transtorno por desconhecimento e pela própria pessoa evitar ou negar seus sintomas. Desse modo, o transtorno pode se cronificar e não receber tratamento adequado.

Notam-se aproximações entre as quatro condições oriundas da relação do trabalhador com um conteúdo de trabalho constantemente carregado de sofrimento, que se torna um potencial adoecedor, afetando não somente sua atividade laboral, como suas relações, sua saúde mental, física e espiritual. Considerando que essa é a realidade da trabalhadora da política pública de assistência social, realizamos uma revisão de literatura exploratória sobre o tema saúde mental da trabalhadora do SUAS, apresentada no Capítulo 1.

Os resultados denunciam a escassez de material publicado, a demanda por novas produções e os atravessamentos de gênero, pois as mulheres são a grande maioria no setor. Algumas perguntas foram suscitadas: quem está escutando e apoiando as técnicas da política pública de assistência social em seu sofrimento? O que elas têm a dizer sobre o seu trabalho? Quais as especificidades de ser mulher e trabalhadora da assistência social? Como deveria ser



uma política pública de saúde da trabalhadora do SUAS a partir de sua atividade real, dos afetos que a atravessam e considerando as diferenças de gênero?

A fim de ampliar a compreensão sobre a experiência do trabalho no SUAS, fomos à campo para ouvir o que as próprias trabalhadoras têm a dizer, o que é relatado no Capítulo 2. Participaram seis mulheres e trabalhadoras do SUAS, recrutadas por meio de uma parceria com o Programa de Extensão ABRASUS/ABRASUAS, da UFSJ, que começou a ser pensado pelos atores sociais em conjunto com o curso de Medicina, implantado em 2014 na referida instituição, com o intuito de contribuir com a vinculação entre ensino e serviço.

O Programa é composto por diferentes frentes de atuação, como o Gestos e Afetos, constituído por grupos de trabalho, que estudam teorias e documentos, formam e qualificam os coordenadores, que estarão em encontros diretos com as trabalhadoras e os trabalhadores, tendo como foco principal a Educação Permanente. Há, também, o Vozes ABRASUS/ABRASUAS, que se desdobra em duas vertentes: uma, de acolhimento, escuta e cuidado aos trabalhadores e trabalhadoras do SUS e SUAS (nomeada “cantinho do coração” e criada pelos participantes do Gestos e Afetos durante a pandemia da COVID-19), e outra, de aproximação e trabalho conjunto com o controle social representado pelo Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial [COMPIR] (Rosa Sousa, Nathália Barbosa, Priscila Azevedo & Juliana Dela-Sávia, 2021).

Utilizamos entrevistas narrativas individuais. Diferente do questionário, a entrevista é mais flexível e aberta, acolhendo melhor a entrevistada e ampliando seu espaço de fala, tendo a entrevistadora um importante papel de escuta ativa e atenta. Logo, a entrevista é, antes de tudo, uma relação (Carmen Moré, 2015). Eraldo Batista, Luís Matos e Alessandra Nascimento (2017) afirmam que a entrevista é a técnica mais utilizada nos trabalhos de campo e permite a coleta de dados tanto objetivos como subjetivos. Ela possibilita a articulação da experiência pessoal da entrevistada com os grupos sociais dos quais participou em um dado momento histórico, possuindo, portanto, um caráter também coletivo.

Nauristela Damasceno, Edson Malvezzi, Cibelle Sales e Antonio Sales (2018) enfatizam esse aspecto relacional das narrações por meio do qual a subjetividade é tomada como construção social. Geison Lira, Ana Maria Catrib e Marilyn Nations (2003) acrescentam que, por meio dela, há elaborações sobre as experiências já vividas e novas formas de lidar com os confrontos. A respeito disso, também, escrevem Maria Goreti Sousa e Carmen Lúcia Cabral (2015) afirmando que, pela narrativa, os sujeitos mostram sua concepção sobre o mundo e como o vivenciam. Logo, consideramos que, ao adotarmos a

entrevista narrativa neste estudo, estamos oportunizando às mulheres o reencontro com capítulos anteriores e a escrita de novos para sua história como trabalhadoras do SUAS.

Seguimos as fases da entrevista narrativa propostas por Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002): iniciação com uma questão aberta e geral, narração central, perguntas e fala conclusiva. Na etapa de perguntas, a fim de explorar o que poderia não ter sido abordado pelas trabalhadoras, tivemos o cuidado de enumerá-las da menos para a mais ansiogênica em consonância com a experiência da pesquisadora: (1) Aspectos positivos do trabalho na assistência social; (2) Permanência no trabalho na assistência social apesar de tantos desafios; (3) O trabalho em equipe na assistência social; (4) Rede de apoio nas dificuldades no trabalho na assistência social; (5) Vínculo de trabalho na assistência social e o trabalho no setor na carreira; (6) Ser trabalhadora da assistência social e cumprir outras jornadas como mulher; exemplos: maternidade, casamento etc.; (7) Manejo de possíveis riscos para mulheres, que trabalham na assistência social; (8) Efeitos do trabalho na assistência social em outros aspectos da vida, em outras relações; (9) Impactos do trabalho na assistência social na saúde mental; (10) Relação com a chefia imediata e a gestão; e (11) Influências políticas e/ou partidárias no trabalho na assistência social.

A análise das narrativas foi feita por Núcleos de Significação, que conjugam o ser humano singular e, ao mesmo tempo, histórico e social. Sendo assim, a fala é situada por teorias, que iluminam questões sociais, culturais, políticas e econômicas do tempo vivido em articulação com o modo de produção e reprodução social (Wanda Aguiar & Sergio Ozella, 2006).

As narrativas das trabalhadoras do SUAS viabilizam não somente a compreensão do seu trabalho como evidenciam atravessamentos importantes, sobretudo de gênero e raça, que denunciam as opressões sofridas pelas mulheres numa sociedade capitalista, machista e patriarcal (Lélia Gonzales, 1984; Françoise Vergès, 2020; Silvia Federici, 2021). Como a ciência pode contribuir na transformação de um trabalho adoecedor por meio da produção de conhecimento a seu respeito considerando as diferenças e as desigualdades?

Com base nas metodologias feministas, assumimos que a pesquisa não é neutra e isenta; por isso, a responsabilidade e compromisso em usá-la como instrumento de crítica e mudança das hierarquias de poder e das violências sociais (Sofia Neves, 2005). Almejamos que os resultados do estudo contribuam com a consolidação da política pública de assistência social, fortalecendo o coletivo de suas trabalhadoras e a formulação de políticas públicas de saúde delas, e que a discussão alcance as estruturas de dominação e opressão presentes na sociedade.

## CAPÍTULO 1<sup>1</sup>

### **Saúde Mental do/a Trabalhador/a do Sistema Único de Assistência Social: Revisão Crítica da Literatura**

### **Salud Mental del Trabajador del Sistema Único de Asistencia Social: Revisión de la Literatura**

### **Mental Health of the Unified Social Assistance System's Worker: Critical Literature Review**

#### **Resumo**

O Sistema Único de Assistência Social [SUAS] demanda do/a trabalhador/a tanto competências profissionais em um sentido técnico quanto condições psicossociais e emocionais adequadas à sua atuação, haja vista relatos cotidianos de violências, desigualdades e injustiça social das/os usuárias/os. Foi realizada uma revisão crítica da literatura sobre as manifestações de sofrimento mental no trabalho por profissionais que atuam no SUAS. Quatro eixos de análise foram delimitados após a realização de análise temática de conteúdo de 17 publicações incluídas no estudo: (1) características adoecedoras do trabalho, (2) precarização do trabalho, (3) sofrimento das/os trabalhadoras/es e (4) estratégias de enfrentamento em benefício da saúde mental. Observou-se que diversos desafios são enfrentados pelas/os trabalhadoras/es da assistência social em seu cotidiano de trabalho, abrangendo desde situações relacionadas ao conteúdo específico desse trabalho até graves limitações estruturais relacionadas ao atual contexto do provimento de serviços públicos.

**Palavras-chave:** Sistema Único de Assistência Social; Saúde Mental; Trabalho; Saúde do Trabalhador; Revisão Crítica da Literatura.

#### **Resúmen**

El Sistema Único de Asistencia Social (SUAS) exige del/de la trabajador/a tanto competencias profesionales en sentido técnico como condiciones psicossociales y emocionales adecuadas, frente a las denuncias diarias de violencia, desigualdades e injusticia social de

---

<sup>1</sup>Artigo submetido à Revista Psicologia e Sociedade.

las/os usuarias/os. Se realizó una revisión crítica de la literatura sobre las manifestaciones del sufrimiento psíquico en el trabajo por parte de profesionales que actúan en el SUAS. Se delimitaron cuatro ejes de análisis luego de realizar un análisis temático del contenido de 17 publicaciones incluidas en el estudio: (1) características del trabajo relacionadas con la enfermedad, (2) precariedad del trabajo, (3) sufrimiento de las/los trabajadoras/es, y (4) estrategias de afrontamiento en beneficio de la salud mental. Se observó que las/os trabajadoras/es de la asistencia social enfrentan desafíos en su trabajo, que van desde situaciones relacionadas con el contenido específico de este trabajo hasta limitaciones estructurales relacionadas con el contexto actual de los servicios públicos.

**Palabras clave:** Sistema Único de Asistencia Social; Salud mental; Trabajo; Salud del trabajador; Revisión crítica de la literatura.

### **Abstract**

The Unified Social Assistance System (SUAS) demands from the worker both professional skills in a technical sense and psychosocial and emotional conditions that properly address their work, given the daily reports of violence, inequalities and social injustice of users. A critical review of the literature on the manifestations of mental distress at work was carried out by professionals who work at SUAS. Four axes of analysis were delimited after performing a thematic analysis of the content of 17 publications included in the study: (1) illness-related characteristics of work, (2) precariousness of work, (3) suffering of workers, and (4) coping strategies for the benefit of mental health. It was observed that several challenges are faced by social assistance workers in their daily work, ranging from situations related to the specific content of this work to serious structural limitations related to the current context of providing public services.

**Keywords:** Unified Social Assistance System; Mental health; Labor; Worker's health; Critical Literature Review.

### **Referências**

- Abreu, Arlete de Brito, Silva, Carla Cecília Serrão, Silva, Jercenilde Cunha, & Silva, Lília Penha Viana. (2014). O Sistema Único de Assistência Social: desafios à sua implementação. *Revista de Políticas Públicas*, 18(n. esp.), 281-289. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v18nEp281-289>
- Almeida, Karine Moreira, Souza, Lúcia Azambuja, & Carlotto, Mary Sandra (2009). Síndrome de *Burnout* em Funcionários de uma Fundação de Proteção e Assistência

- Social. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*,9(2), 86-96.  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v9n2/v9n2a08.pdf>
- Amaral, Fábio Sérgio (2016). *Resiliência e trabalho um estudo com profissionais no contexto de Assistência Social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Taubaté].
- Behring, Elaine Rossetti, & Boschetti, Ivanete (2011). *Política Social: fundamentos e história*. Cortez.
- Bolzan, Débora de Paula (2015). Trabalho emocional e gênero: dimensões do trabalho no Serviço Social. *Em Pauta*,36(13), 104-122. <https://doi.org/10.12957/rep.2015.21054>
- Borges, Elisabete Maria das Neves, Fonseca, Carla Isabel Nunes da Silva, Baptista, Patrícia Campos Pavan, Queirós, Cristina Maria Leite, Baldonado-Mosteiro, María, & Mosteiro-Diaz, María Pilar. (2019). Fadiga por compaixão em enfermeiros de urgência e emergência hospitalar de adultos. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 27, 1-6. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2973.3175>
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social [CNAS]. (2005). *Resolução CNAS nº 130, de 15 de julho de 2005*. Aprova a Norma Operacional Básica da Assistência Social – NOB/SUAS. [https://www.blogcnas.com/\\_files/ugd/7f9ee6\\_874c022e71264786ac86454d91c7c923.pdf](https://www.blogcnas.com/_files/ugd/7f9ee6_874c022e71264786ac86454d91c7c923.pdf)
- Brito, Cristiane Vinholi, & Souza, José Carlos (2011). Qualidade de vida dos educadores sociais em abrigos de proteção a crianças e adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*,13(1), 89-100. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v13n1/v13n1a07.pdf>
- Carvalho, José Murilo. (1997). Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*,40(2), 229-250. <https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>
- Cavalcante, Livia Teixeira Canuto, & Oliveira, Adélia Augusta Souto. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*,26(1), 83-102. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>
- Dias, Tatiane de Oliveira. (2013). *Autoeficácia e burnout: resultados após uma intervenção direcionada a profissionais da área de proteção a crianças e adolescentes*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4158>
- Galbiatti, Fabiano (2015). *O poder de agir de trabalhadoras da assistência social no contexto neoliberal*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas].

- Repositório Institucional PUC Campinas. [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15990/ccv\\_ppgpsico\\_me\\_Fabiano\\_G.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15990/ccv_ppgpsico_me_Fabiano_G.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Guimarães, Ana Paula Dias. (2018). *Violência no trabalho e as repercussões para a saúde psíquica do trabalhador: estudo sobre o vivido no Sistema Único de Assistência Social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Repositório Institucional da UFMG]. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B95J6K/1/ana\\_paula\\_dias\\_guimaraes\\_\\_ufmg\\_\\_2018\\_\\_1\\_.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B95J6K/1/ana_paula_dias_guimaraes__ufmg__2018__1_.pdf)
- Guimarães, Ana Paula Dias, Oliveira, Helian, & Silva, Jandira Maciel (2020). Violência relacionada ao trabalho e apropriação da saúde do trabalhador: sofrimento anunciado no Sistema Único de Assistência Social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2), 2-19. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300224>
- Kruger, Gabriel Batista. (2016). *Trabalho e saúde: estudo com técnicos sociais do Sistema Único de Assistência Social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Centro Oeste]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Unicentro. <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/tede/588/2/PR%20067%20Gabriel%20Batista%20Kruger.pdf>
- Lopes, Camila da Silva (2017). *Os trabalhadores de CREAS: entre o compromisso e a angústia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Taubaté]. <https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2015/dissertacoes/mdh/Camila-da-Silva-Lopes.pdf>
- Mendes, Andréa de Barros (2011). *Saúde Mental e Trabalho na Assistência Social: vivências de sofrimento psíquico e estratégias de defesa dos (as) servidores (as) públicos (as) municipais da FUNPAPA em Belém/PA*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. [https://www.ppgss.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/ANDREA%20DE%20BARROS%20MENDES%20Dissertacao\\_%20SaudeMentalTrabalho.pdf](https://www.ppgss.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/ANDREA%20DE%20BARROS%20MENDES%20Dissertacao_%20SaudeMentalTrabalho.pdf)
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2013). *Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. <https://fpabramo.org.br/acervosocial/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/054.pdf>
- Nascimento, Iasmin Libaldi (2017). *“Aqui a gente consegue juntar os nossos caquinhos”*: o coletivo de trabalho enquanto fonte de produção de recursos para a saúde de psicólogas de CRAS. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório Institucional da UFES.

- <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9058/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Nascimento%2c%20I.%20L.%20-%20revisada.pdf>
- Nascimento, Iasmin Libaldi, & Moraes, Thiago Drumond (2019). Atuação de psicólogas na assistência social: relações entre gênero profissional e saúde. *Laboreal*, 15(2), 1-22. <https://doi.org/10.4000/laboreal.15090>
- Nery, Vania Baptista (2009). *O trabalho de assistentes sociais e psicólogos na Política de Assistência Social: saberes e direitos em questão*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17987>
- Ribeiro, Jorgeane Corrêa (2014). *Resiliência em Assistentes Sociais que atuam na Proteção Social Especial – PSE de Belém do Pará*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. <https://ppgss.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2014/JORGEANE%20CORR%C3%8AA%20RIBEIRO%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Completa%20Final.pdf>
- Santos, Cláudia, Pereira, Karina Woida & Carlotto, Mary Sandra (2010). Burnout em profissionais que trabalham no atendimento a vítimas de violência. *Barbarói*, 32, 69-81. <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1097/1086>
- Sawaia, Bader Burihan (2001). O Sofrimento Ético-Político como categoria de análise da Dialética Exclusão/Inclusão In Bader Buriban Sawaia (Org.), *As Artimanhas da Exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social* (2a ed.), 96-118, Vozes.
- Schestatsky, Sidnei, Shansis, Flávio, Ceitlin, Lúcia Helena, Abreu, Paulo B. S., & Hauck, Simone (2003). A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25(Supl 1), 8-11. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000500003>
- Schott, Daniela Fernanda (2017). *Trabalho e saúde das/os profissionais do Sistema Único de Assistência Social (SUAS): um estudo da proteção social básica na região da AMOSC*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Comunitária da Região de Chapecó]. <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Daniela-Fernanda-Schott.pdf>
- Silva, Cristiane Freitas (2015). *Saúde, prazer e sofrimento psíquico: Uma Análise do Trabalho dos Técnicos de um Centro de Referência de Assistência Social no Pará*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da

UFPA.

<https://ppgp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Turma%202013/Cris%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20Psicologia-PPGP-UNIVERSIDADE%20FEDERAL%20DO%20PAR%C3%81.pdf>

Silva, Jeanne Benevides, Vasconcellos, Pamela Arruda, & Figueiredo, Vanessa Catherina Neumann. (2018). Trabalho e Sofrimento: desafios da saúde mental de profissionais da Assistência Social. *Psicologia em Estudo*, 23, 1-11.

<https://www.scielo.br/j/pe/a/JtSZFPVLGqgzGMwnTYmNKdP/?format=pdf&lang=pt>

Souza, Luciana Karine (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67.

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v71n2/05.pdf>

Souza, Marcela Tavares, Silva, Michelly Dias, & Carvalho, Raquel. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106.

<https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>



## CAPÍTULO 2<sup>2</sup>

### **Narrativas de mulheres sobre seu trabalho no Sistema Único de Assistência Social**

#### **Resumo**

Buscou-se compreender as experiências de mulheres sobre seu trabalho na assistência social em cidades do interior de Minas Gerais. Participaram três assistentes sociais e três psicólogas, selecionadas por meio da parceria com um programa de extensão da UFSJ, intitulado ABRASUS/ABRASUAS, pelo uso do método da bola de neve e pela rede de contatos da pesquisadora, que foi trabalhadora do setor. Foram realizadas entrevistas narrativas individuais analisadas por núcleos de significação. Questões de gênero e raça atravessam o trabalho no SUAS, em que as mulheres são a maioria das trabalhadoras e do público atendido, e este é composto majoritariamente por mulheres negras. As complexas demandas cotidianas, as (in)ações de governo e a disseminação de ideais capitalistas e neoliberais enfraquecem o coletivo de trabalhadoras, que lidam com a precarização e a organização do trabalho em uma política não reconhecida como direito. Essa prática requer um intenso trabalho emocional devido ao conteúdo traumático de violações e injustiças. São necessários estudos, que focalizem a saúde das trabalhadoras e contribuam com a formulação de políticas públicas de assistência social, considerando o protagonismo das mulheres em sua execução.

Palavras-chave: Assistência social; Trabalho; Mulheres; Saúde da/o trabalhador/a; Entrevistas narrativas.

#### **Abstract**

We sought to understand the experiences of women about their labor in social work policies in inland cities of Minas Gerais state. Three social workers and three psychologists were interviewed, selected through a partnership with an outreach program of UFSJ called ABRASUS/ABRASUAS, snowball sampling method and the researcher's network of contacts – who had previously worked in these policies. Individual narrative interviews were carried out and hereafter analyzed by meaning cores. Gender and racial issues permeate the work at Brazilian Unified Social Work Policies System, where black women are the majority

---

<sup>2</sup>Artigo em elaboração para submissão à revista *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*.

both of the workers and the assisted public. The routinely complex demands, the governmental (in)actions and the dissemination of neoliberal ideology weaken the collective of female workers, who deal with a precarious organization of work. This labor requires intense emotional work due to the witnessing of traumatic content of violations and inequities. Further studies should focus on the health of these workers and contribute to the formulation of social work public policies that consider the leading role of women in their deployment.

Keywords: Social work policies; Labor; Women; Worker's health; Narrative interviews.

### Referências

- Aguiar, Wanda Maria Junqueira, & Ozella, Sergio (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245.
- Aguiar, Wanda Maria Junqueira, & Ozella, Sergio (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *R. Bras. Est. Pedag.*, 94(236), 299-322.
- Aguiar, Wanda Maria Junqueira, Soares, J. R., & Machado, V. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 56-75.
- Amorim, Noelle Lopes, & Marcelo Dalla Vecchia, M. (2022). *Saúde Mental do/a Trabalhador/a do Sistema Único de Assistência Social: Revisão Crítica da Literatura*. (Manuscrito não publicado).
- Baldin, Nelma, & Munhoz, Elzira M. Bagatin (2011). *Snowball* (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. PUC Paraná.
- Beauvoir, S. de (2009) *O segundo sexo* (Milliet, S., Trad., 2a. ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (Obra original publicada em 1949).
- Boletim Mulheres no SUAS. (2018). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social (Vol. 5). (Boletins Vigilância Socioassistencial). Recuperado em 20 de março de 2023, de <http://blog.mds.gov.br/redesuas/?p=3016>
- Campos, Carlos Eduardo Aguilera, & Garcia, Joana (2007). Contribuições para a supervisão dos programas sociais com foco na família. *Rev. Katál. Florianópolis*, 10(1), 95-104.

- Cartilha SUAS sem racismo. (2018). *Promoção da igualdade racial no Sistema Único de Assistência Social*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social. Recuperado em 20 de março de 2023, de [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/cartilhas/Cartilha\\_SUAS\\_Sem\\_Racismo\\_.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/cartilhas/Cartilha_SUAS_Sem_Racismo_.pdf)
- Castro, Fernando Gastal de, & Zanelli, José Carlos (2007). Síndrome de *burnout* e projeto de ser. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(2), 17-33.
- Esteves, Egeu Gómez, Bernardo, Márcia Hespanhol, & Sato, Leny (Orgs.). (2017). *Psicologia Social do Trabalho*. Vozes.
- Decreto n. 10.282, de 20 de março de 2020. (2020). Regulamenta a Lei n. 13. 979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília: Presidência da República. Recuperado em 18 de janeiro de 2023, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10282.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10282.htm)
- Dewes, João Osvaldo (2013). *Amostragem em bola de neve e respondent-drivensampling: uma descrição dos métodos*. [Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Eufrásio, G. H. C., & Costa, C. L. (2022). Políticas de ação afirmativa na perspectiva dos direitos humanos: o caso das cotas raciais brasileiras. *Revista Desenvolvimento Social*, 28(2), 150-161.
- Federici, Silvia (2021). *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo* (Vol. 1, 1a ed., H. R. Candiani., Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Fórum dos Conselhos Profissionais discute desafios e projetos para 2023. Recuperado em 20 de março de 2023, de <https://site.cfp.org.br/forum-dos-conselhos-profissionais-discute-desafios-e-projetos-para-2023/>
- Galbiatti, Fabiano (2015). *O poder de agir de trabalhadoras da assistência social no contexto neoliberal*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas].
- Gonzales, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244.
- Guimarães, Ana Paula Dias, Oliveira, Helian, & Silva, Jandira Maciel (2020). Violência relacionada ao trabalho e apropriação da saúde do trabalhador: sofrimento anunciado no Sistema Único de Assistência Social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2), 2-19.

- Guimarães, Eder D'Artagnan Ferreira, & Zelaya, Marisa (2021). A política de cotas raciais nas universidades públicas do Brasil, duas décadas depois: uma análise. *Trabalho & Educação*, 30(3), 133-148.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2005). *Censo Demográfico*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Recuperado em 3 de abril de 2021, de <https://cidades.ibge.gov.br/>
- Jacques, Maria da Graça Corrêa (2005). Psicologia, trabalho e saúde: uma revisão crítica. *Revista de Psicologia*, 23(1), 13-22.
- Jovchelovitch, Sandra & Bauer, W., Martin (2002). Entrevista Narrativa In M. W. Bauer, & G. Gaskell, (Ed.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 90-113, Vozes.
- Kruger, Gabriel Batista (2016). *Trabalho e saúde: estudo com técnicos sociais do Sistema Único de Assistência Social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Centro Oeste].
- Lima, Julia Coutinho Costa, & Mello, Susana Carneiro Leão de (2012). Análise de uma experiência de supervisão no contexto das políticas sociais. *Psic. Clin*, 24(11), 43-53.
- Navarro, Vera Lúcia, Maciel, Regina Heloisa, & Matos, Tereza Glaucia Rocha (2017). A questão do trabalho no Brasil: uma perspectiva histórica a partir do desenvolvimento industrial. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo, & L. Sato (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho*, 25-48, Vozes.
- Neves, Sofia (2005). Metodologias Feministas: A Reflexividade ao serviço da Investigação nas Ciências Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 408-412.
- Norma Operacional Básica de Recursos do Sistema Único de Assistência Social: NOB-RH/SUAS*. (2006). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Organização Pan-americana da Saúde. (2020). *Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. Recuperado em 18 de janeiro de 2023, de [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875)
- Portaria n. 54, de 1º de abril de 2020*. (2020). Aprova recomendações gerais aos gestores e trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) dos Estados, Municípios e do Distrito Federal com o objetivo de garantir a continuidade da oferta de serviços e atividades essenciais da Assistência Social, com medidas e condições que garantam a segurança e a saúde dos usuários e profissionais do SUAS. Brasília: Ministério da Cidadania, Secretaria Especial do Desenvolvimento Social, Secretaria

- Nacional de Assistência Social. Recuperado em 18 de janeiro de 2023, de <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-54-de-1-de-abril-de-2020-250849730>
- Potrich, Maithê (2021). Clientelismo e Assistencialismo: a tradição da assistência social no Brasil. *Revista Vernáculo*, 48, 7-19.
- Projeto de Lei n.3.081/2022. (2022). Revoga e altera Leis, Decretos-Leis e um Decreto, a fim de desregulamentar profissões e atividades que não ofereçam risco à segurança, à saúde, à ordem pública, à incolumidade individual e patrimonial. Câmara dos Deputados. Recuperado em: 26 de abril de 2023, de [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2228161](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2228161).
- Ribeiro, Djamila (2017). *O que é lugar de fala?* Letramento.
- Esteves, Egeu Gómez, Bernardo, Márcia Hespanhol, & Sato, Leny (2017). A perspectiva da Psicologia Social do Trabalho. In M. C. Coutinho, M. H. Bernardo, & L. Sato (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho*, 11-24, Vozes.
- Sawaia, Bader Buriban (2001). O Sofrimento Ético-Político como categoria de análise da Dialética Exclusão/Inclusão In Bader Buriban Sawaia (Org.), *As Artimanhas da Exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social* (2a ed.), 96-118, Vozes.
- Schott, Daniela Fernanda (2017). *Trabalho e saúde das/os profissionais do Sistema Único de Assistência Social (SUAS): um estudo da proteção social básica na região da AMOSC*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Comunitária da Região de Chapecó].
- Sousa, Rosa Gouvea, Barbosa, Nathalia Andrade, Azevedo, Priscila da Silva & Dela-Sávia, Juliana (2021). Gestos e Afetos pela educação permanente: a experiência de um programa. *Revista Caminho Aberto*, 8(15), 52-62.
- Souza, Marciana de Freitas, Souza Junior, Francisco Vieira de., Silva, Aylana Paula dos Santos & Alencar, Francisca Ilania de (2019). Política de cotas raciais no ensino superior: perspectivas e desafios. *Akesis*, 8(1), 56-67.
- Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, de 2009*. (reimpr. 2014). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Vergès, Françoise. (2020). *Um feminismo decolonial* (J. P. Dias & R. Camargo, Trad.). São Paulo: Ubu Editora.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS

Teoria e prática se conjugam nesta pesquisa para mostrar a necessidade de uma política pública de assistência social, que abranja a saúde da trabalhadora a partir da realidade concreta do seu trabalho e dos atravessamentos sócio-históricos. Trata-se de uma política invisibilizada por interesses políticos e partidários, utilizada como favor e moeda de troca, que não emancipa seus/suas usuários/as, mas, pelo contrário, os mantém cada vez mais dependentes e agradecidos não por ela, e sim por quem (gestor, político e/ou técnico) a realiza. Ela não é assumida como uma conquista cidadã e nem um direito. Portanto, seus/suas usuários/as não se sentem pertencentes e participantes dela de modo que seu controle social não se efetiva.

A organização do trabalho no SUAS, também, dispersa as trabalhadoras e conduz a um assujeitamento frente à precarização e à ausência de suporte, de Educação Permanente e de um coletivo mobilizado. Assim como preconiza a Psicologia Social do Trabalho (Esteves Coutinho et al., 2017), a compreensão do trabalho vai do micro ao macro, e todas as narrativas demonstram que o enfraquecimento do coletivo não é por falta de motivação ou competência das trabalhadoras. Isso seria simplificar demais o fenômeno e não alcançar a dimensão de um potencial adoecimento das trabalhadoras pelas suas condições de trabalho no SUAS e pela maneira como a política está sendo exercida e gerida.

Das trabalhadoras entrevistadas, somente uma é funcionária efetiva do SUAS. Sua autonomia fica registrada em sua narrativa assim como seu incômodo com os contratos devido a uma concordância forçada com a gestão e a chefia: “É aquela questão, eu sou funcionária efetiva, então pra mim é muito tranquilo! Sim, sim; não, não. Dentro da ética, eu faço; se não for, eu não faço, não faço!”

A fala de Agatha, por sua vez, demonstra uma adequação às gestões para se manter empregada:

Problema, a gente teve muito de gestão, porque mudava a gestão e aí vinha com outra diretriz. Tem gestão que é mais tranquila de trabalhar, outra que é mais complicada, e aí, com o tempo, a gente vai se adaptando à forma de trabalhar de cada um.

À sobrecarga de demandas e de atribuições das trabalhadoras, soma-se a culpa por não estarem conseguindo realizar o trabalho prescrito que, a propósito, é distante de suas práticas cotidianas (trabalho real) desenvolvidas nas e pelas condições do trabalho (Maria Coutinho & Fábio Oliveira, 2017) no setor público – SUAS. Todavia, as trabalhadoras apontam colegas, que supostamente apresentam déficits na formação ou falta de motivação para o trabalho, individualizando suas questões.

As narrativas revelam, ainda, um movimento curioso realizado pelas trabalhadoras do SUAS, que, ao se queixarem das dificuldades do trabalho e relatarem seu sofrimento, trazem um dado compensatório relacionado, por exemplo, à relação com as pessoas atendidas ou de gratidão pelo que aprenderam na labuta: “(...) com todos os percalços, só tenho que agradecer mesmo (...).” (Fada)

Sem respaldo e sem proteção, as trabalhadoras atravessam um sofrimento de maneira solitária. Nina relata uma experiência angustiante, que ultrapassa os muros institucionais e alcança a integridade de sua família:

Trabalhei naquele “Minha Casa, Minha Vida”, misericórdia! Olha, para você ter noção do que eu passei, eu não tinha coragem de ir ao supermercado com a minha família, porque eu recebi tanta ameaça de morte, mas tanta ameaça de morte das pessoas querendo ser incluídas nesse programa, que já chegou ao ponto das pessoas dizerem pra mim “eu sei onde você mora, eu sei com quem você fica, eu sei seu endereço, eu sei a escola da sua filha, eu sei onde seu marido trabalha, e eu quero entrar nesse programa, porque se não, vai acontecer alguma coisa com vocês.

A ela, é incumbida a busca de saídas para lidar com essas ameaças, para contornar os conflitos decorrentes da seleção para o programa de habitação. O que se percebe é que as trabalhadoras são acolhidas por redes externas ou acabam por desenvolver estratégias individuais para amenizar os desafios e o sofrimento. Nina segue em sua narração:

Eu não saía com eles caminhando pela rua. Deixava eles irem na frente ou eles iam atrás de mim, tomando uma distância. Coisinhas pequenininhas assim, mas que me chocavam! Nesse momento, eu tive que ir para terapia, porque se não...

Agatha, por sua vez, encontra na experiência meios para lidar com as questões do trabalho que a incomodam: “Hoje, consigo administrar sentimentos de impotência, por exemplo, diante de questões que extrapolam os limites de minha competência. (...) A experiência adquirida no decorrer dos anos me proporcionou maior manejo emocional.”

Ainda como compensação dessas dificuldades do trabalho, as narrativas trazem a identificação das trabalhadoras com aquilo que fazem. Izabel Borsoi (2007) lembra que o trabalho é um elemento constituinte da subjetividade. Sérgio Lucca (2017) reforça esse argumento, enfatizando ser o trabalho uma categoria, que supre tanto as necessidades objetivas de sobrevivência como as subjetivas ligadas à realização pessoal e à autoestima. Assim, o trabalho faz parte da constituição da identidade e da saúde física, mental e espiritual das pessoas, como constatamos nos seguintes excertos: “Acho que o profissional precisa gostar do que faz e eu me identifico muito com esse trabalho.” (Agatha) “(...) Não é uma área

que gratifica tão bem como outras áreas, mas é uma área, que dá uma satisfação pessoal muito grande!” (Nina)

As trabalhadoras se realizam pelo que percebem como intervenções, que ajudam as pessoas atendidas e fazem alguma diferença. No entanto, essa atuação benevolente não deve anular ou negar a autonomia das mulheres atendidas no SUAS, sobretudo das mulheres negras. Há que se considerar as relações de força, poder e opressão a que estão submetidas. Conforme escreve Françoise Vergès (2020), citando Lilla Watson, mulher indígena australiana, que endossa a luta feminista decolonial: “Se vocês vierem para me ajudar, estão perdendo seu tempo. Mas se vierem porque a libertação de vocês está ligada à minha, então trabalhemos juntas.” (s.p.)

O feminismo decolonial propõe como uma de suas missões conhecer e disseminar o saber da mulher negra sem a tentativa de levar ao conhecimento delas seus direitos e adequá-las a algum nível de suposto desenvolvimento. O que as mulheres negras atendidas no SUAS têm a dizer sobre si mesmas como sujeitos?

Qual é o lugar da mulher negra no SUAS, no mundo? Desde o Brasil colônia, ela é a mucama, a doméstica, a ama de leite, a “cor do pecado” para seus senhores abusadores. No capitalismo, persiste esta herança colonial: a mulher negra continua no trabalho invisível, doméstico, para abrir e limpar o espaço para a mulher branca trabalhar e lutar pela igualdade de privilégios pertencentes aos homens brancos. Trata-se de um feminismo civilizatório a serviço do neoliberalismo, inundado de preconceitos e de privilégios da branquitude (Lélia Gonzales, 1984; Françoise Vergès, 2020).

A mulher negra e trabalhadora do SUAS, também, sofre com as múltiplas opressões. Desde o período da graduação, ela precisa provar sua competência ainda mais do que a mulher branca e trabalhadora, e seu esforço para permanecer estudando também é maior (Marciana Souza et al., 2019). Entretanto, contrariando a expectativa do grupo conservador, o aumento do ingresso de negros/as nas universidades, constatado por meio de censos, não acarretou uma queda na qualidade de indicadores da educação, mas proporcionou maior diversidade e fortaleceu o aspecto público do ensino superior.

À população negra, inclusive, voltam-se as maiores acusações e assédios por desobediência às medidas do governo, como lembra Françoise Vergès (2020). Na experiência do SUAS, podemos falar das duras críticas ao Auxílio Emergencial, que receberam durante a pandemia da COVID-19 e que estariam fazendo “mau uso” dele. Todavia, como ressalta a mesma autora, nesse período, foram mulheres e homens racializadas/os, que foram obrigadas/os a desobedecer ao *lockdown* para permanecerem como domésticas e serventes,



como se suas vidas valessem menos do que as das famílias brancas de classe média, que as/os mantinham atuantes sob risco não só de saúde, mas de perder seu único sustento.

Identificamos problemas concretos vividos pelas trabalhadoras e como lidam para manejá-los, considerando atravessamentos sócio-históricos, que não podem ser negligenciados nem nos estudos, nem nas políticas públicas de assistência social. Isso implica a pesquisadora e o pesquisador em um dos fundamentos da PST: compromisso ético com a pesquisa, rompimento com a neutralidade e a imparcialidade, anseio por transformações e fomento do debate público sobre o fenômeno estudado (Egeu Esteves, Marcia Bernardo e Leny Sato, 2017). Importam as vozes dessas mulheres trabalhadoras, que estão envoltas de reivindicações e desejo de novos futuros.

Manter a força e a esperança mobilizadas para persistir na luta se coloca como um desafio, conforme diz a entrevistada Fada: “Teria que ser uma mudança geral, de cima para baixo. Mas, a gente torce para que isso um dia chegue a acontecer. Mas, por enquanto, é uma luta meio assim, solitária.”

A narrativa de Psi salienta e reforça que o trabalho na assistência social é “fazer com” e se posiciona, de acordo com suas experiências, de maneira mais otimista:

A equipe inteira, quando conseguia entender de fato a importância ou mesmo não entendendo teoricamente, mas vendo isso no usuário, conseguindo promover as pessoas, o grupo, a comunidade, vibrava. Então, a gente tinha um suporte uns nos outros. É como eu falei, virava uma mola, uma força propulsora, porque a gente se unia, inclusive, nessa frustração.

As trabalhadoras do SUAS precisam ser acolhidas em seu sofrimento e necessitam de espaços de cuidado e de capacitação. Conferências e conselhos, que garantem a participação, devem ser fortalecidos e não serem somente cumprimento de agendas. É imperativo que a assistência social seja conhecida e reconhecida como direito. A universidade contribui com pesquisas, que se vinculam à prática e que disseminam as denúncias e o esclarecimento de como questões sociais, históricas, econômicas e culturais. Demarcam papéis e lugares dos atores do setor. A aposta não é outra senão pelo coletivo.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, Wanda Maria Junqueira, & Ozella, Sergio (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245.
- Alcântara, Vírnia Ponte, Vieira, Camilla Araújo Lopes, & Alves, Samara Vasconcelos (2022). Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. *Ciência e Saúde Coletiva*. 27(1), 351-361.
- Araújo, Tânia Maria de (2011). Revisão de Abordagens Teórico- Metodológicas sobre Saúde Mental e Trabalho. In Gomes, Carlos, Machado, Jorge Mesquita Huet, & Lopes, Pena Paulo Gilvane (Eds.), *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea. SciELO*, 325-343, Fiocruz.
- Barros, Alcina Juliana Soares (2018). Associações entre reações contratransferenciais desencadeadas por agressores sexuais, mecanismos de defesa e trauma vicário em psiquiatras e psicólogos forenses. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Batista, Eraldo Carlos, Matos, Luís Alberto Lourenço de, & Nascimento, Alessandra Bertasi (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.
- Borges, Elisabete Maria das Neves, Fonseca, Carla Isabel Nunes da Silva, Baptista, Patrícia Campos Pavan, Queirós, Cristina Maria Leite, Baldonado-Mosteiro. Maria, & Mosteiro-Diaz, Maria Pilar (2019). Fadiga por compaixão em enfermeiros de urgência e emergência hospitalar de adultos. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 27(3175), 1-6.
- Borsoi, Izabel Cristina Ferreira (2007). Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 19(1),103-111.
- Cardoso, Hugo Ferrari, Baptista, Makilim Nunes, Sousa, Denise Francione Amorim de, & Goulart Júnior, Edward (2017). Síndrome de *burnout*: análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(2), 121-128.
- Castro, Fernando Gastal de, & Zanelli, José Carlos (2007). Síndrome de *burnout* e projeto de ser. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(2), 17-33.
- Collins, Patricia Hill (2016). Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 99-127.

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. (1998). Brasília. Recuperado em 10 de março de 2022, de [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)
- Esteves, Egeu Gómez, Bernardo, Márcia Hespanhol, & Sato, Leny (Orgs.). (2017). *Psicologia Social do Trabalho*. Vozes.
- Coutinho, Maria Chalfin, & Oliveira, Fábio de (2017). Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In M. C. Coutinho, Márcia Hespanhol, Bernardo, & Leny Sato, L. (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho*. Vozes.
- Damasceno, Nauristela Ferreira Panlago, Malvezzi, Edson, Sales, Cibelle M., & Sales, Antonio (2018). A narrativa como alternativa na pesquisa em saúde. *Interface: comunicação, saúde e educação*, 22(64), 133-40.
- Dias, Tatiane de Oliveira (2013). Autoeficácia e *burnout*: resultados após uma intervenção direcionada a profissionais da área de proteção a crianças e adolescentes. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos].
- Erazo, Judith. El trauma vicário en las investigaciones de violencias. In D. Núñez(Ed.), *Rostros de la violencia en Centroamérica: abordajes y experiencias desde la investigación social*(pp. 347-368). Guatemala: FLACSO – Mercy Corps, 2018.
- Esteves, Egeu Gómez, Bernardo, Márcia Hespanhol, & Sato, Leny (2017). Fontes do pensamento e das práticas em Psicologia Social do Trabalho In M. C. Coutinho, Márcia Hespanhol Bernardo, & Leny Sato (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho*, 49-80, Vozes.
- Federici, Silvia (2021). *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo* (Vol. 1. 1a ed., H. R. Candiani, Trad.). Boitempo.
- Gonzales, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 223-244.
- Guimarães, Ana Paula Dias, Oliveira, Helian, & Silva, Jandira Maciel (2020). Violência relacionada ao trabalho e apropriação da saúde do trabalhador: sofrimento anunciado no Sistema Único de Assistência Social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2), 2-19.
- Jacques, Maria da Graça Corrêa (2003). Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 15(1), 97-116.

- Jacques, Maria da Graça Corrêa (2005). Psicologia, trabalho e saúde: uma revisão crítica. *Revista de Psicologia*, 23(1), 13-22.
- Jovchelovitch, Sandra, & Bauer, Martin W. (2002). Entrevista Narrativa In M. W. Bauer, & G. Gaskell, (Ed.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 90-113, Vozes.
- Kruger, Gabriel Batista (2016). *Trabalho e saúde: estudo com técnicos sociais do Sistema Único de Assistência Social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Centro Oeste].
- Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Presidência da República. Recuperado em 18 de janeiro de 2023, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18742.htm)
- Lira, Geison Vasconcelos, Catrib, Ana Maria F., & Nations, Marilyn K. (2003). A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 16(1/2), 59-66.
- Lucca, Sérgio Roberto de (2017). Saúde, saúde mental, trabalho e subjetividade. *R. Laborativa*, 6(1), 147-159.
- Margis, Regina (2003). Comorbidade no transtorno de estresse pós-traumático: regra ou exceção? *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 25(supl 1), 17-20.
- Moré, Carmen L. O. O. (2015). A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3, 126-131.
- Nascimento, Iasmin Libaldi (2017). “*Aqui a gente consegue juntar os nossos caquinhos*”: o coletivo de trabalho enquanto fonte de produção de recursos para a saúde de psicólogos de CRAS. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo].
- Neves, Sofia (2005). Metodologias Feministas: A Reflexividade ao serviço da Investigação nas Ciências Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), 408-412.
- Norma Operacional Básica de Recursos do Sistema Único de Assistência Social: NOB-RH/SUAS. (2006). Recuperado em 10 de março de 2022, de [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/NOB-RH\\_SUAS\\_Anotada\\_Comentada.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/NOB-RH_SUAS_Anotada_Comentada.pdf) *Política Nacional de Assistência Social*. (2004). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Resolução nº 33, de 12 de dezembro de 2012. (2012). Aprova a Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social – NOB/SUAS. Conselho Nacional de Assistência Social.

- Rodrigues, Camila Cristina, Santana, Jeison Rafael, & Pereira, Sheila Francisca (2017). Análise de Conteúdo da obra fadiga por compaixão, de Kennyston Lago e Wanderley Codo: sob o olhar da enfermagem. *Pesquisa e Ação*, 3(1).
- Sanjorge, Katrin Ballesteros (2018). Trauma Vicario en intérpretes. *Polissema –Revista de Letras do ISCAP*, 18, 13-32.
- Santos, Cláudia dos, Pereira, Kariza Woida, & Carlotto, Mary Sandra (2010). Burnout em profissionais que trabalham no atendimento a vítimas de violência. *Barbarói*, 32, 69-81.
- Santos, Eduarda G. A. M., & Pereira, Rebeqa R. M. (2019). Fadiga por compaixão: guia psicoeducativo aos profissionais de saúde. [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Pernambucana de Saúde].
- Sawaia, Bader Buriban (2001). Sofrimento Ético-Político como categoria de análise da Dialética Exclusão/Inclusão. In Bader Buriban Sawaia (Org.), *As Artimanhas da Exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social* (2a ed.), 96-118, Vozes.
- Schestatsky, Sidnei, Shansis, Flávio, Ceitlin, Lúcia Helena, Abreu, Paulo B. S., & Hauck, Simone (2003). A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 25(supl 1), 8-11.
- Shaefer, Luiziana S., Lobo, Beatriz. O. M., & Kristensen, Christian H. (2012). Transtorno de estresse pós-traumático decorrente de acidente de trabalho: implicações psicológicas, socioeconômicas e jurídicas. *Estudos de Psicologia*, 17(2), 329-336.
- Silva, Jeanne Benevides da, Vasconcellos, Pamela Arruda, & Figueiredo, Vanessa Catherine Neumann (2018). Trabalho e Sofrimento: desafios da saúde mental de profissionais da Assistência Social. *Psicologia em Estudo*, 23, 1-11.
- Sousa, Maria Goreti S., & Cabral, Carmen Lucia O. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, 33(2), 149-158.
- Sousa, Rosa Gouvea, Barbosa, Nathalia Andrade, Azevedo, Priscila da Silva & Dela-Sávia, Juliana (2021). Gestos e Afetos pela educação permanente: a experiência de um programa. *Revista Caminho Aberto*, 8(15), 52-62.
- Souza, Marciana de Freitas, Souza Junior, Francisco Vieira de., Silva, Aylana Paula dos Santos & Alencar, Francisca Ilania de (2019). Política de cotas raciais no ensino superior: perspectivas e desafios. *Akesis*, 8(1), 56-67.
- Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, de 2009.* (reimpr. 2014). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Vergès, Françoise. (2020). *Um feminismo decolonial* (J. P. Dias & R. Camargo, Trad.). São Paulo: Ubu Editora.

**APÊNDICES**

## Apêndice 1: Questionário Sociodemográfico

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Gênero: \_\_\_\_\_

Cor: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Possui filhos? ( ) Sim ( ) Não

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Ano de formação: \_\_\_\_\_

Serviço(s) que trabalha atualmente: \_\_\_\_\_

Se não atua mais no setor de Assistência Social, em qual(is) serviço(s) trabalhou? \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho no setor de assistência social: \_\_\_\_\_

Se atua ou quando atuou na assistência social, qual é ou era o vínculo empregatício?

( ) Efetivo ( ) Contrato temporário ( ) Cargo comissionado

Faz psicoterapia ou outra modalidade de terapia? ( ) Sim ( ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

Faz uso de algum psicofármaco? ( ) Sim ( ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

## Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezada participante.

Você está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa, cujo tema é “O trabalho na Assistência Social pelas narrativas de mulheres.” Ela está sendo desenvolvida por Noelle Lopes Amorim, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, sob a orientação do Professor Dr. Marcelo Dalla Vecchia.

O convite à sua participação se deve ao fato de você atuar ou já ter atuado como técnica em um serviço de Assistência Social. Sua participação é voluntária, isto é, não é obrigatória, havendo plena autonomia para decidir se quer ou não participar bem como retirar seu consentimento a qualquer momento. Você não será penalizada caso escolha pela não participação ou desista dela. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas, sendo que as entrevistas serão feitas individualmente, no local, data e horário, que forem mais convenientes para você e compatíveis com a disponibilidade da pesquisadora, podendo, inclusive, ser *online*. Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material produzido será armazenado em local seguro. No presente projeto, você será identificada por um pseudônimo ou número. A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre a sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito pelos meios de contato disponibilizados neste documento.

A sua participação consistirá em preencher um questionário sociodemográfico e participar de uma entrevista com uma pergunta disparadora, podendo outras serem acrescentadas ao final do processo.

O tempo aproximado de realização é variável, sem exceder 90 minutos. Outras entrevistas poderão ocorrer, em comum acordo, a fim de fechamento do que não foi possível explorar em somente um encontro. Você poderá solicitar a interrupção de qualquer etapa a qualquer momento. A entrevista será gravada, podendo ser transcrita, e será armazenada em arquivos digitais assim como seus resultados. Todavia, somente a pesquisadora e seu



orientador terão acesso a eles. Ao término da pesquisa, todo arquivo será mantido por pelo menos cinco anos.

Os benefícios de sua participação nesta pesquisa consistem na oportunidade de falar sobre seu trabalho, nas dificuldades e potencialidades, abrindo um espaço de diálogo, escuta e valorização. Sua participação não implica qualquer risco físico. Sabemos que o conteúdo envolvendo sofrimento no trabalho pode gerar desconforto, porém resguardamos sigilo e cuidado, atendimento psicológico em urgência subjetiva, além de considerarmos os encontros como oportunidade para elaborar os afetos e o vivido.

Os resultados gerais poderão ser divulgados em atividades ou projetos acadêmicos, como palestras e artigos, além de estarem disponíveis na Dissertação. Fica acordada com as participantes uma devolutiva do estudo.

Sua participação não implicará qualquer custo. Todas as despesas serão arcadas pela pesquisadora. Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre esta pesquisa e/ou sobre seus direitos, agora ou depois.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo ou sobre os direitos da criança como participante do estudo. Se outras perguntas surgirem mais tarde, você poderá entrar em contato com os pesquisadores.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o Comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Tel. e Fax: (032)3379-5598

*E-mail:* [cepsj@ufs.br](mailto:cepsj@ufs.br)

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, CEP: 36301-160, *Campus* Dom Bosco

Se desejar, consulte, ainda, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel.: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 *E-mail:* [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

Contato com o pesquisador responsável: (32) 8899-8232

Contato com a pesquisadora que irá realizar a coleta de dados: (32) 99150-0671

*Email:* amorim.noelle@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Declaro que este documento foi elaborado em duas visas, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pela convidada a participar da pesquisa assim como pela pesquisadora responsável.

São João del-Rei, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

<b>Nome Completo do Responsável</b>	<b>Assinatura do Responsável</b>
Noelle Lopes Amorim	
<b>Nome Completo da Pesquisadora que irá realizar a coleta dos dados</b>	<b>Assinatura da Pesquisadora que irá realizara coleta dos dados</b>
Marcelo Dalla Vecchia	
<b>Nome do Completo Pesquisador Responsável</b>	<b>Assinatura do Pesquisador Responsável</b>

Apêndice 3: Parecer consubstanciado CEPSJ



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Narrativas de Mulheres sobre seu Trabalho na Assistência Social

**Pesquisador:** Marcelo Dalla Vecchia

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 67788922.4.0000.5151

**Instituição Proponente:** Departamento de Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.504.108

**Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação de riscos e benefícios" foram retiradas do arquivo de Informações Básicas do Projeto intitulado Narrativas de Mulheres sobre seu Trabalho na Assistência Social, CAAE: 67788922.4.0000.5151, submetido a este comitê Segundo o pesquisador responsável "O trabalho constitui o ser humano e se ele passa a maior parte da sua vida trabalhando, as relações de trabalho, suas condições e organização, em um determinado contexto sócio-histórico, passam a ter relevância nos processos de saúde e adoecimento psíquico. Interessa-nos, neste horizonte, como o trabalhador vivencia o cotidiano do trabalho e o que desenvolve para lidar com ele. Nesta relação com a realidade concreta de trabalho, muitas vezes, o trabalhador que atua diretamente com pessoas e ouve constantemente suas histórias, sobretudo de sofrimento, é afetado por elas. Observamos isto em técnicos, por exemplo, da Assistência Social, da Saúde, da Justiça, que apresentam sofrimento mental associado ao trabalho. Considerando também a minha experiência como trabalhadora do SUAS que reconhece em si esse adoecimento pela dor do outro, pelo cotidiano de escuta, acolhimento e acompanhamento de violações e traumas, propomos um estudo empírico visando compreender as experiências de mulheres em seu trabalho na Assistência Social, por meio de entrevistas narrativas."

**Objetivo da Pesquisa:**

De acordo com o(a) pesquisador(a) responsável o objetivo principal do estudo será: "Compreender

**Endereço:** Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

**Bairro:** Fábricas

**CEP:** 36.307-352

**UF:** MG

**Município:** SAO JOAO DEL REI

**Telefone:** (32)3379-5598

**E-mail:** cepsj@ufs.edu.br



Continuação do Parecer: 6.504.108

as experiências de mulheres sobre seu trabalho na Assistência Social em cidades do interior de Minas Gerais." Além disso, de forma secundária o mesmo buscará: "Identificar e descrever a relação estabelecida pelas mulheres participantes da pesquisa com o trabalho e a carreira na Assistência Social;-Compreender as estratégias adotadas pelas profissionais para permanecerem atuando na Assistência Social apesar dos desafios;- Identificar e descrever o lugar da equipe de trabalho na Assistência Social para as participantes;- Identificar e descrever a relação das mulheres trabalhadoras da Assistência Social com a chefia imediata e com a gestão;- Conhecer o vínculo de trabalho na Assistência Social e a relevância de trabalhar no setor para a carreira das mulheresCompreender como as profissionais da Assistência Social lidam com múltiplas jornadas (trabalho, maternidade, casamento, estudo etc.);- Conhecer os efeitos do trabalho na Assistência Social em outros aspectos da vida, em outras relações das mulheres; Compreender os impactos do trabalho na Assistência Social na saúde mental das mulheres entrevistadas, e- Identificar a descrever influências políticas e/ou partidárias no trabalho na Assistência Social e como as profissionais lidam com estas situações."

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Quanto aos riscos e/ou desconfortos, bem como, suas respectivas formas de amenização o(a) pesquisador(a) responsável descreve que: "Todas as participantes terão que assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual estarão expostos os objetivos da pesquisa, as condições de sua participação voluntária, todos os cuidados éticos envolvidos, como sigilo, confidencialidade e possibilidade de solicitar sua não participação a qualquer momento, devido a qualquer desconforto que sentir. A pesquisa não envolve riscos para a integridade física das participantes. O conteúdo manifesto pode gerar afetos e desconforto por envolver sofrimento no trabalho, mas a pesquisadora e seu orientador comprometem-se a encaminhar para atendimento psicológico a participante que por ventura apresentar alguma urgência subjetiva.

Já quanto aos benefícios: "Consideramos que a pesquisa é um meio de compartilhar as experiências de trabalho na Assistência Social, bem como os possíveis sofrimentos que elas podem gerar. Ao narrar sua história como trabalhadora, é apresentada a participante uma oportunidade para elaborar questões e resignificar vivências, portanto, a pesquisa produz também um espaço de cuidado e proteção."

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Segundo o(a) pesquisador(a) responsável, conforme no relato do desenho exposto na Plataforma

**Endereço:** Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

**Bairro:** Fábricas

**CEP:** 36.307-352

**UF:** MG

**Município:** SAO JOAO DEL REI

**Telefone:** (32)3379-5598

**E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br



Continuação do Parecer: 6.504.108

Brasil: "A pesquisa será realizada com trabalhadoras, psicólogas e assistentes sociais, que atuam ou já atuaram no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e participaram do Programa de Extensão ABRASUS/ABRASUAS, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), cujo objetivo principal é a Educação Permanente de profissionais da rede de saúde e de assistência social de São João del-Rei e de mais sete municípios do interior de Minas Gerais. Além disso, as trabalhadoras também poderão ser convidadas pela rede de contatos da pesquisadora devido sua experiência prévia como técnica em um CRAS da região. Será aplicado um questionário sociodemográfico e realizadas entrevistas narrativas presenciais ou remotas, à escolha da participante. Ao final de cada entrevista, será solicitado que a entrevistada indique outras colegas que possam contribuir com a pesquisa, através do Método Bola de Neve. As entrevistas serão analisadas por meio da Análise Temática de Conteúdo. Na conclusão do trabalho será feita uma devolutiva as trabalhadoras, pretendendo a valorização de sua participação e a multiplicação dos resultados da pesquisa."

Já quanto aos critérios de inclusão e exclusão, o(a) pesquisador(a) adota: "Mulheres trabalhadoras que já atuaram ou atuam no SUAS e participam ou participaram do Programa de Extensão ABRASUS/ABRASUAS, ou que fazem parte da rede de contatos da pesquisadora devido experiência prévia como trabalhadora de um CRAS da região pesquisada." e; "Mulheres trabalhadoras que atuam ou atuaram no SUAS, mas cuja experiência prévia de trabalho não tenha ocorrido em um período muito curto (por exemplo, menos de três meses) ou a uma prazo muito distante."

Por fim, segundo o(a) pesquisador(a) responsável, principal, a metodologia, bem como, os procedimentos a serem realizados serão: "Será estabelecida uma parceria com o Programa de Extensão "ABRASUS/ABRASUAS", que reúne professores e alunos dos cursos de Medicina e Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), e profissionais (trabalhadores e gestores) da rede de saúde e de assistência social. (...) Participarão da pesquisa psicólogas e assistentes sociais que estão atuando ou já atuaram em serviços do SUAS, que foram ou são integrantes do ABRASUS/ABRASUAS. A amostra será intencional, pois busca localizar, com a ajuda da coordenadora do ABRASUS/ABRASUAS, mulheres trabalhadoras que se mostraram mais expressivas e implicadas com o trabalho no setor e com as atividades do Programa de Extensão, a fim de se contar com participantes que contribuam para maior compreensão do objeto de investigação. Além disso, a pesquisadora também recorrerá à rede de contatos profissionais advindos do seu período de atuação como trabalhadora na rede socioassistencial. As entrevistadas

**Endereço:** Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

**Bairro:** Fábricas

**CEP:** 36.307-352

**UF:** MG

**Município:** SAO JOAO DEL REI

**Telefone:** (32)3379-5598

**E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br



Continuação do Parecer: 6.504.108

indicarão outras possíveis participantes por meio do método Bola de Neve. (...) Será aplicado um questionário sociodemográfico e serão realizadas entrevistas narrativas individuais. (...) Para coleta de dados, será entregue à coordenadora do ABRASUS/ABRASUAS uma Carta de Apresentação do projeto de pesquisa para conhecimento, visando obter apoio e concordância com a participação e solicitação de uma lista com nomes e contatos das profissionais de Psicologia e Assistência Social, que serão convidadas a participar da pesquisa por meio eletrônico ou pessoalmente. Uma vez aceito o convite, serão agendados encontros individuais em data, horário e local, podendo ser por meio remoto, nos quais os sujeitos se sintam mais confortáveis e que não coincida com o seu horário de expediente. Receberão também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para o qual será solicitada a concordância enquanto pré-condição para participação na pesquisa. Então, será aplicado o questionário sociodemográfico e realizada a entrevista narrativa. Assumiremos as fases da entrevista narrativa apresentadas por Jovchelovitch e Bauer (2002): iniciação, narração central e perguntas."

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após minuciosa análise referente aos preceitos éticos aprovados em resoluções, normativas e cartas circulares do Conselho Nacional de Pesquisa, este CEP é favorável à aprovação do projeto intitulado "Narrativas de Mulheres sobre seu Trabalho na Assistência Social" para sua devida execução.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O projeto de pesquisa Narrativas de Mulheres sobre seu Trabalho na Assistência Social e as documentações apresentadas estão em consonância com os princípios éticos em pesquisa envolvendo seres humanos nos termos da Resolução 466/2012; 510/2016 e Norma operacional 001/2013. Somos, portanto, de parecer favorável à sua APROVAÇÃO. Informamos que relatórios parcial e final da pesquisa devem ser notificados por meio da Plataforma Brasil e os resultados obtidos devem ser informados aos participantes da pesquisa, publicados e/ou encaminhados às instituições colaboradoras, aos órgãos e às entidades representantes da sociedade.

**Endereço:** Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

**Bairro:** Fábricas

**CEP:** 36.307-352

**UF:** MG

**Município:** SAO JOAO DEL REI

**Telefone:** (32)3379-5598

**E-mail:** cepsj@ufs.edu.br



Continuação do Parecer: 6.504.108

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1998222.pdf	30/10/2023 17:05:26		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_2_assinado_assinado.pdf	30/10/2023 17:04:31	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Outros	carta_anuencia_SPA.pdf	17/05/2023 13:32:48	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Outros	carta_resposta.pdf	17/05/2023 13:29:33	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_responsabilidade_pesquisador_colaborador.pdf	18/04/2023 14:52:29	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/04/2023 17:24:57	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	17/08/2022 17:28:49	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Outros	declaracao_de_consentimento_e_aceite_da_instituicao.PDF	17/08/2022 16:25:56	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Outros	termo_responsabilidade_do_pesquisador.pdf	17/08/2022 16:24:44	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito
Outros	checklist.pdf	17/08/2022 16:19:21	Marcelo Dalla Vecchia	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO JOAO DEL REI, 13 de Novembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Jacqueline Domingues Tibúrcio**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

**Bairro:** Fábricas

**CEP:** 36.307-352

**UF:** MG

**Município:** SAO JOAO DEL REI

**Telefone:** (32)3379-5598

**E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br